

Cartas das crianças
reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940

Patricia Tavares Raffaini

Pós-doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Durante as décadas de 30 e 40 os escritores: Monteiro Lobato, no Brasil, e Laura Ingalls Wilder, nos Estados Unidos da América do Norte receberam de crianças leitoras centenas de cartas. Utilizando esse corpo documental esse artigo pretende realizar uma análise comparativa das práticas de leitura literária durante a infância nesses dois países, assim como também aborda alguns aspectos do papel social da infância e as peculiaridades do que era ser criança nesses dois contextos.

Palavras-chave: história da leitura, literatura infantojuvenil, epistolografia, infância, leitura na infância, Monteiro Lobato e Laura Ingalls Wilder

Abstract

In the decades of 30 and 40 the writers: Monteiro Lobato, in Brazil, and Laura Ingalls Wilder, in the United States of America, received hundreds of letters of its readers. By this documentation we can compare the practices of literary readings during the childhood in these two nations, as well as having important observations about what was to be a child in both countries.

Keywords reading history, children's literature, epistolography, childhood, readings in childhood, Monteiro Lobato and Laura Ingalls Wilder

Este artigo pretende analisar a correspondência enviada pelas crianças leitoras para os Escritores Monteiro Lobato e Laura Ingalls Wilder, durante as décadas de 1930 e 1940. Apesar do campo de História da Infância e da Juventude ter crescido nas últimas décadas, poucos são os trabalhos que analisam a documentação produzida pelas próprias crianças e jovens. Essa peculiaridade se deve principalmente ao fato de que documentos produzidos pelas crianças poucas vezes são preservados, e raramente aparecem nos arquivos consultados pelos historiadores. Embora as fontes sejam escassas quando encontradas nos revelam um conteúdo riquíssimo, nos levam a compreender como as crianças atuavam e pensavam o mundo, e no caso específico das cartas de leitores nos mostram suas práticas de leitura, suas predileções e considerações sobre as obras literárias. Para trabalhar com tão específico corpo documental recorremos a uma abordagem proveniente da antropologia, em especial a antropologia da criança, que vê a criança e o jovem como agentes sociais completos que atuam na vida social de maneira plena, mas de forma diferente. Nessa perspectiva “(...) a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa: a criança não sabe menos, sabe outra coisa.”¹ Esse olhar infantil que consegue perceber o que os adultos já não veem mais ou nunca viram, está também presente na forma como Ginzburg aconselha ser o procedimento do historiador, ao abordar as implicações cognitivas do estranhamento. No amago da noção de estranhamento está uma forma de olhar a cultura como se não pertencesse a ela: “compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, são reações que podem levar a enxergar mais, a apreender algo mais profundo(...)”² Trabalhar com os documentos produzidos pelas crianças faz com que possamos ver pelos olhos delas, no caso específico das fontes aqui analisadas apreender diferenças e similitudes entre os contextos brasileiros e norte-americanos de práticas de leitura e de forma mais ampla como era o convívio e participação social dessas crianças.

Por outro lado, as cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a

1 COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.33.

2 GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 29.

recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas a recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros. No entanto, dossiês contendo cartas de leitores são raros e difíceis de serem encontrados em arquivos, como ressalta Robert Darnton, no estudo sobre Jean Ranson, um leitor do século XVIII. Nesse estudo Darnton analisa as cartas enviadas por Ranson a uma casa editorial suíça, a Société Typographique de Neuchâtel, nas quais encomendava livros, comentava suas leituras e tecia considerações sobre alguns autores, dentre eles Jean-Jacques Rousseau. Ainda nesse ensaio Darnton utiliza as cartas enviadas a Rousseau por seus leitores, por ocasião da publicação da obra “La Nouvelle Héloïse”, para nos mostrar como as formas de leitura estavam em transformação durante a segunda metade do século XVIII, assim como também a relação entre os leitores e seus escritores preferidos. Para Darnton: “Seria um equívoco minimizar tais efusões como simples cartas de fãs – embora a própria idéia de um escritor recebendo correspondência de admiradores desconhecidos fosse uma novidade significativa – parte do novo culto do escritor, que Rousseau estava ajudando a criar.”³

Mais de um século depois, já na primeira metade do séc. XX, a troca de cartas entre escritores e seu público não era mais algo inédito. Apesar de ser uma prática frequente nem sempre os pesquisadores têm a sorte de encontrar dossiês que preservam uma grande quantidade de cartas enviadas pelos leitores aos escritores, mas quando são encontrados constituem um corpo documental valioso para a compreensão da recepção da leitura.

Esse artigo pretende analisar e comparar dois conjuntos de correspondências, que foram conservados pelos escritores Monteiro Lobato (1882-1948) e Laura Ingalls Wilder (1867-1957). Em ambos os casos os escritores receberam, durante as décadas de 30 e 40, centenas de cartas de seus leitores, em sua grande maioria crianças e jovens, que comentavam suas obras voltadas a infância. Esse corpo documental só conseguiu chegar até nós porque seus

3 DARNTON, Robert. O Grande massacre de gatos e outros e outros episódios da história cultural francesa. 4ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 237.

destinatários tiveram o cuidado de preservá-las, organizá-las e tomaram algumas precauções para que fossem conservadas.

Monteiro Lobato encarregou sua amiga Marina Andrada Procópio de Carvalho de cuidar das mais de trezentas cartas enviadas a ele por seu público infantil. Era maio de 1946 e o autor se mudava para Buenos Aires com a intenção de ficar por lá por um grande período. A correspondência que ele havia recebido de intelectuais, escritores e políticos, ficaria com Edgard Cavalheiro, assim como alguns livros e outros documentos. Acreditava tomar assim providências para que seu arquivo pessoal ficasse bem preservado.⁴ A coleção de cartas que ficou em posse de Marina com alguns outros documentos hoje faz parte do Dossiê Monteiro Lobato, do Arquivo Raul de Andrada e Silva preservado no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo. O arquivo de Laura Ingalls Wilder após a sua morte ficou com sua filha, a também escritora, Rose Wilder Lane. E estão preservados na Herbert Hoover Library, em West Branch, Iowa, assim como também na Laura Ingalls Wilder Home Association em Mansfield, Missouri.

A trajetória destes dois escritores é muito diferente, não só por terem vivido contextos históricos totalmente diferentes, mas também em virtude de sua própria produção. No entanto, alguns pontos de contato possibilitam um exame mais minucioso: ambos produziram uma vasta obra voltada para o público infantil, tiveram um enorme sucesso editorial ainda em vida, e a correspondência recebida por eles, durante os anos de 30 e 40, nos mostra a repercussão de sua produção literária assim como vários outros aspectos que possibilitam uma compreensão mais ampliada do que era ser criança nesses dois contextos, e qual era o papel da leitura e da literatura para a infância.

Traçar a biografia de Monteiro Lobato parece ser desnecessário. Como disse José Mindlin: “Não sei de nenhum autor brasileiro que tenha feito tanto parte da vida de tantos brasileiros, quanto Monteiro Lobato. Por seus livros infantis, pelas ideias que defendeu e pela obra que publicou para leitores adultos, por sua ação no jornalismo e no campo editorial,

4 RAFFAINI, Patrícia Tavares. Pequenos Poemas em Prosa. Vestígios da Leitura Ficcional na Infância, nas décadas de 30 e 40. 2008. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. FFLCH/USP, São Paulo, 2008. p. 55-57.

Lobato despertou em um público imenso (em termos brasileiros) o interesse pela leitura, e por problemas políticos e sociais.”⁵ No entanto, para que possamos comparar as trajetórias dos dois escritores talvez seja importante lembrar alguns pontos de sua vida. José Bento Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo, era neto de José Francisco Monteiro, Visconde de Tremembé. Estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde se formou em 1904. É desse período que datam suas primeiras contribuições para jornais e revistas. Em 1911, depois da morte do avô herda a fazenda São José do Buquira, grande em extensão de terra, mas com o solo já exaurido. A partir dessa experiência escreve os artigos “Uma velha praga” e “Urupês”, para o jornal “O Estado de S. Paulo”, que terão repercussão nacional. Apesar da tentativa de modernizar e tornar a fazenda mais produtiva depois de seis anos, em 1917, ele a vende. Inicia-se então o período no qual Lobato compra a “Revista do Brasil” e monta a Editora “Monteiro Lobato e Cia”, editando inúmeros autores e promovendo uma verdadeira revolução editorial no país, durante a década de 20. Suas iniciativas a partir de então o levam a ser adido comercial do Brasil em Nova Iorque, de onde volta em 1931 com a intenção de promover o desenvolvimento do país com a produção de ferro e petróleo, justamente por estas ideias será preso durante o Estado Novo. Paralelamente a toda essa atuação Lobato se firmou como um grande nome da literatura nacional e, no campo da literatura infantil, criou uma obra extensa que alcançou grande sucesso durante sua vida que perdura até os dias de hoje. Na carta escrita a Rangel, em 1943, temos a dimensão da importância que sua obra infantil tinha para o próprio autor: “Quando, ao escrever a história de Narizinho, lá naquele escritório da Rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora Rainha Mab do meu outono”.⁶

Laura Ingalls nasceu na cidade de Pepin, Wisconsin em 7 de fevereiro de 1867. Seus pais eram pequenos proprietários de terra e viviam na fronteira da ocupação norte-americana

5 AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo: Ed. SENAC, 1997. p. 9.

6 MONTEIRO LOBATO. A Barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. P. 347.

em uma casa feita de troncos na grande floresta que provia seu sustento. Como parte do que foi chamado de movimento dos pioneiros a família de Laura migrou por vários estados, durante a sua infância, até se fixarem na cidade de De Smet, no território de Dakota. Ela mesma, depois de casada, migrou novamente para Mansfield, Minnesota, onde se estabeleceu definitivamente em uma propriedade rural intitulada Rocky Ridge Farm, onde permaneceu até sua morte. Apesar de ter trabalhado como professora dos quinze aos dezessete anos, depois de casada sua vida foi dedicada aos trabalhos em casa e no campo. Em 1911, ela publica seu primeiro artigo em uma revista dedicada a assuntos rurais, a “Missouri Ruralist”, nesse e em outros artigos Laura promovia as virtudes e os benefícios da vida rural, pois sua fazenda era considerada modelo na região. Aos sessenta e três anos escreve seu primeiro livro onde narra sua infância, na pequena cabana na grande floresta do Wisconsin. No início o que move sua escrita é a necessidade de documentar um tempo e uma forma de vida que já não existiam mais. Em 1932, a obra intitulada “Little House in the Big Woods” é publicada pela Harper & Brothers e rapidamente se torna um sucesso. É o primeiro de uma série de nove livros voltados ao público infantil que narram sua infância e juventude nos diversos lugares por onde viveu. O último livro publicado em vida foi “These Happy Golden Years” em 1943, quando Laura tinha setenta e seis anos. Mas até a sua morte em 1957, com noventa anos de idade, ela continuou recebendo inúmeras cartas de leitores todas as semanas, seus livros eram muito populares e haviam se tornado clássicos para as crianças norte-americanas.⁷

Como podemos ver a trajetória que esses dois autores percorreram foi imensamente diferente, essa distinção também é percebida em suas obras infantis. Lobato ao publicar “A Menina do Narizinho Arrebitado”, em 1920, era um autor conhecido além de proprietário da Editora Monteiro Lobato e Cia. A idéia de publicar para o público infanto-juvenil vinha de longa data, desde que seus filhos eram crianças, Lobato notava que existia uma ausência de histórias voltadas para a infância que tivessem as cores brasileiras e usassem a língua falada no país. As traduções portuguesas, em sua opinião, eram enfadonhas e carregavam um linguajar lusitano que muitas vezes impossibilitava a compreensão do texto por crianças brasileiras. Por

7 ANDERSON, William. *Laura's Album. A remembrance scrapbook of Laura Ingalls Wilder*. Nova Iorque: HarperCollins, 1998.

outro lado as publicações feitas no Brasil eram em sua grande maioria voltadas para a escolarização e deixavam muito claro suas intenções morais. Ainda segundo Lobato, o prazer que as crianças poderiam ter com a leitura não era levado em consideração pela maior parte dos escritores, para ele somente pelo prazer é que a criança poderia se tornar um leitor de fato. Desde o início, sua produção voltada a infância tinha como tônica dominante a fantasia, o humor, o deleite. Segundo ele: “a criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto(...) o meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação”.⁸ Assim, Lobato, ao criar sua obra infantil e idealizar um local imaginário: o Sítio do Picapau Amarelo, almejava criar um local onde as crianças pudessem “viver”, como ele havia “vivido” nos livros que ele próprio lera na infância. Dessa forma sua escolha por escrever uma obra baseada na fantasia fazia parte de seu projeto de construção de um país de leitores. Nesse sentido também os protagonistas das histórias: Pedrinho, Narizinho e Emília, tem um papel preponderante, são crianças que possuem opinião própria, que pensam por si mesmas, muitas vezes chegando a ignorar e a desobedecer aos adultos. Parecem ser o que Lobato gostaria que seus leitores fossem: críticos, independentes.

O primeiro livro escrito por Laura Ingalls Wilder “Little House in the Big Woods” narra parte de sua infância em uma pequena cabana na grande floresta de Wisconsin. As histórias desse livro relatam como era a vida dos pioneiros norte-americanos por volta de 1870 e se tornaram imediatamente populares. A época da publicação desse livro, no início dos anos 30, os Estados Unidos da América do Norte passavam por uma de suas piores crises econômicas, os Anos de Depressão. Esse contexto, em certa medida, pode ter sido o responsável pelo enorme sucesso que os livros autobiográficos de Laura alcançaram, pois muitos americanos podem ter visto neles exemplos de como sobreviver com coragem em uma época de grandes dificuldades. No entanto, é também interessante notar que apesar da crise econômica a indústria editorial daquele país continuava em expansão, publicando títulos novos de autores desconhecidos. Assim como também, apesar da difícil situação econômica, as instituições culturais continuaram existindo e comprando novos livros para leitura, pois

8 MONTEIRO LOBATO. Conferências, artigos e crônicas. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. 250.

como veremos mais adiante durante esse período muitas crianças escreveram a Laura contando ter tido acesso aos seus livros por meio das bibliotecas públicas e das escolas. A partir do sucesso alcançado com seu primeiro livro Laura decide contar a história da infância de seu marido Almanzo Wilder passada em outra região norte-americana, o estado de Nova Iorque. Escreve assim “Farmer Boy” publicado em 1933 pela mesma editora, a HarperCollins, também esse livro foi muito bem recebido pelo público. Dois anos mais tarde, Laura publica “Little House on the Prairie” onde descreve a viagem empreendida por seus pais, ela e sua irmã para a região do Kansas, onde se estabeleceram em uma região totalmente isolada, que era chamada então de Território Indígena. Em seu livro Laura relata as tensões entre o povo indígena Osage e os colonos, que como sua família, se apropriavam de lotes de terras indígenas. De fato o governo norte-americano estava naquele momento negociando com o povo Osage a venda de suas terras, o que ocorreu em 1870. A descrição dos índios, da natureza da campina e de muitos episódios ali acontecidos encantaram de tal forma seus leitores que esse livro é um dos mais comentados pelas cartas.

Sua filha Rose Wilder Lane escrevia desde 1915 para jornais e revistas em São Francisco, e durante os anos vinte visitou inúmeros países como jornalista, escrevera também alguns romances seriados, dentre eles um intitulado “Free Land” para o “Saturday Evening Post”. Durante a década de 30, Rose morou em Rock Ridge Farm por alguns anos assim, mãe e filha trocavam informações e se consultavam aos escrever. Como Laura escrevia a mão em cadernos baratos, era Rose que os datilografava para o envio a editora, dessa forma provavelmente a experiência de Rose como escritora deve ter ajudado a mãe na construção de sua obra. Os livros seguintes de Laura relatam as aventuras e desventuras de sua família em duas outras regiões norte-americanas: em Minnessota e em Dakota do Sul, onde por fim sua família se estabeleceu. Ao escrever sua obra Laura Ingalls pretendia construir uma autobiografia, no entanto analisando sua biografia percebemos que ela fez escolhas, modificou alguns contextos e também subtraiu alguns trechos de sua vida. Mesmo assim podemos considerar que sua obra é construída a partir de fatos reais, situações que realmente aconteceram.

Comparando a produção de Lobato e de Laura percebemos então inúmeras diferenças e muitas semelhanças. Como vimos a obra de Lobato está fundamentada em um local imaginário onde a fantasia é plena, já na obra de Laura é a realidade que é a tônica, as descrições da natureza, das formas de subsistência, dos objetos usados no passado. Os personagens são fictícios no caso de Lobato e na obra de Laura são pessoas que realmente existiram. Mas podemos observar alguns pontos de aproximação entre as duas obras, como o fato de ambas serem seriadas. Tanto Lobato quanto Laura produziram obras seriadas, que motivavam a criança a querer saber o que iria acontecer nos volumes seguintes. Os protagonistas das histórias criadas por ambos os escritores são crianças ativas, independentes, e grande parte do que é descrito nos livros é segundo a perspectiva dessas personagens. Dessa forma os leitores se identificavam rapidamente com os personagens, possibilitando uma leitura intensa e prazerosa, como veremos descrito nas cartas. Assim também grande parte das duas narrativas envolvem situações rurais, um ambiente que muitas das crianças leitoras não partilhavam mais, pois já moravam em grandes cidades. A natureza, plantas e animais, os ritmos agrícolas, estão presentes e possibilitam o desenrolar de muitas aventuras. Também a materialidade do livro é um dado importante a ser analisado e nos revela como a recepção da obra é transformada pelas ilustrações e capas coloridas. Os ilustradores tanto em um caso quanto em outro dão vida aos personagens e as situações narradas criando uma visualidade que transforma a leitura.

No início do trabalho com as cartas imaginamos que as peculiaridades características das obras desses dois autores tão diversos resultariam em cartas totalmente distintas, assim como também o fato de seus remetentes serem crianças brasileiras e norte-americanas. No entanto ao compararmos as correspondências fomos percebendo que as semelhanças entre elas eram muito grandes, e poucas e pontuais eram as diferenças.

Uma primeira característica que aparece nas cartas enviadas para os autores é a informalidade no tratamento para com o autor. Para Lobato as cartas se iniciam com: “Querido Lobato”, ou “Caro mestre” ou ainda “Querido amigo”, existe mesmo um leitor em especial, Alariquinho, que escreve: “Ao amigo íntimo Monteiro Lobato”. O mesmo acontece

com Laura Ingalls, as cartas começam com: “Dear Laura” ou “Dearest Laura”. Tanto em um caso quanto no outro isso se dava porque, segundo as próprias crianças relatavam, elas leram tantas vezes seus livros que viam os autores como pessoas próximas, imaginavam serem amigas dos autores. No caso de Laura essa relação se tornava ainda mais próxima, pois os livros relatavam sua infância, assim são vários os leitores que imaginam a escritora como uma menina. Como vemos nesse trecho escrito por uma leitora, Joane: “I am putting your name Laura because we read so much about you that you seem like you are a young friend of mine.” Ou ainda a leitora Barbara: “I hope you don’t mind my calling you Laura, but I like to think of you as a little girl.” E ainda Doreen que escreve: “Mother says I shouldn’t have written ‘Dear Laura’ but I have read the books so often I feel that I know you as a little girl”, ou então: “It’s hard to call you Mrs Wilder. We like to call you Laura”.⁹ Dessa mesma forma os leitores se justificam quando escrevem a Lobato: “Querido Monteiro Lobato, Digo assim porque desde pequenininha habituei-me tanto a você, ‘tivemos’ tantas palestras juntos na minha imaginação, que não teria jeito de tratá-lo de outra maneira. Creio que somos íntimos.”¹⁰ Ao iniciarem as cartas tratando os autores pelo primeiro nome, os leitores estabeleciam um relacionamento mais afetivo, se colocavam de forma mais próxima de quem admiravam e com quem haviam compartilhado tantos bons momentos nas horas silenciosas de leitura. Como nos fala Ângela de Castro Gomes: “A escrita epistolar é uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento de vínculos entre indivíduos ou grupos (...)”.¹¹ Assim ao usarem fórmulas mais íntimas e pessoais as crianças, tanto brasileiras quanto norte-americanas, usavam o mesmo recurso para se aproximarem daqueles a quem admiravam.

Ao analisarmos a materialidade das cartas encontramos outro ponto em comum entre a correspondência recebida por ambos: algumas vezes os leitores se utilizavam de papéis

9 Todos os trechos de cartas enviadas para Laura Ingalls citados nesse artigo foram retirados da publicação: DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. Optei por citá-las em sua língua original, o inglês, pois a tradução perderia certamente o sabor dado pela escrita peculiar das crianças.

10 Carta de Sarita. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P2 doc 44.

11 GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2004. p. 19.

de carta específicos para crianças, em outras usavam papel pautado e faziam pequenos desenhos, nas margens e cabeçalhos. O uso de papéis de carta específicos para crianças nos mostra que a atividade epistolográfica não era algo restrito ao mundo dos adultos. Havia mesmo no mercado produtos específicos para esse gênero específico de escrita. Muitas crianças já usavam tinta ao escrever as cartas enquanto outras usavam lápis e se desculpavam por isso: “Peço-lhe muitas desculpas por não escrever-lhe a tinta. Não tenho muita prática e pode a letra sair borrada e feia”¹² Ou então: “Não faça conta da letra porque tenho ainda 6 anos.”¹³ Em uma época onde ainda não existiam canetas esferográficas, escrever a pena com o uso de mata-borrões deveria ser uma tarefa difícil e penosa para algumas crianças, e tinha como resultado a reescrita da carta inúmeras vezes. O pedido de desculpas por usarem papel pautado também aparece na correspondência norte-americana: “Please excuse my writing on lined-paper, but I fear my writing would be very unneat and go up and down if I didn’t”.¹⁴ Os leitores também se desculpam pelos erros de ortografia, como Blakeley: “PS: Please excuse bad writeing and spelling”.¹⁵ No caso das cartas enviadas a Lobato além dos pedidos de desculpas pelos erros ortográficos encontramos também inúmeras críticas as reformas ortográficas, como a da jovem Alice:

“Pena que eu não sei escrever como o senhor, porque tenho muita conta a ajustar (isso é mais ou menos sentido figurado!) com muita gente lá do alto, que me deixa meio maluca com leis de ensino, regras e reformas na acentuação e ortografia das palavras (gostaria muito de conhecer o Capanema, para pisar no seu calo predileto, desforando-me das mexidas que ele faz) e muita coisa mais.”¹⁶

12 Carta de Breno Maciel. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc. 46.

13 Carta de Osmar. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P1 doc. 5.

14 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 39.

15 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 15.

16 Carta de Alice D. Von Trexler. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 4 P 2 doc. 36.

Alguns leitores também apóiam a opinião de Lobato sobre a acentuação excessiva de nossa língua, chegando mesmo a pedir desculpas por usarem a acentuação nas cartas ao escritor: “Eu espero, Dr. Lobato, que o senhor me perdoe esses acentos mas, se estão ai, é porque acostumei-me a eles.”¹⁷

Ângela Castro Gomes nos alerta para o fato de que: “Cartas são, assim, um tipo de escrita que tem fórmulas muito conhecidas, porque aprendidas, inclusive nas escolas, como datação, o tratamento, as despedidas, e a assinatura, além de um papel mais apropriado, um timbre, uma marca, um envelope, uma subscrição correta.”¹⁸ Essa característica fica evidente na correspondência analisada, como as crianças aprendiam a escrever as cartas na escola, elas seguiam esse modelo de forma consciente. Uma leitora de Laura se refere especificamente a isso em sua carta: “We have studying about social letters in language”¹⁹ Assim as cartas tanto de Laura quanto de Lobato seguem um mesmo padrão no que diz respeito a datação, a forma de tratamento, as despedidas e a assinatura. Como Laura Ingalls teve o cuidado de guardar as cartas recebidas em seus respectivos envelopes podemos observar este padrão na composição dos envelopes. Já no acervo de Lobato não encontramos muitos envelopes, mas um em especial nos revela que os leitores usavam as regras, mesmo quando o destinatário era imaginário, como vemos no envelope da carta de Maria Eugenia, de Mato Grosso, enviada a: “Exma Sra. D. Benta P. E. O. do Dr. Monteiro Lobato. ‘Cia Editora Nacional. São Paulo. Capital.”²⁰

Quando os leitores são ainda muito novos, os universos da fantasia e da realidade se misturam e por vezes eles fazem perguntas inusitadas sobre o autor e seus personagens. Alguns perguntam se a Laura autora é também a Laura das histórias, como se quisessem confirmar a autenticidade da biografia. “I think you must be the ‘Laura’ in the story.”²¹ Ou

17 Carta de Carlos Alceu C. Junqueira. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1p 3 doc 37.

18 GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2004. p. 20 .

19 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 85.

20 Carta e Envelope de Maria Eugenia de Melo Alvin Duarte. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 2 doc. 1.

21 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996.

então: “There is one thing I want to know. Is Laura supposed to be you, or are your book a story of your life?”²² No caso de Lobato é o contrário que ocorre, escrevem pedindo o endereço do Sítio do Picapau Amarelo ou então convidam Emília, Pedrinho e Narizinho para seu aniversário, como fez a leitora Cecília:

“Tendo lido todos os livros da sua Biblioteca de Narisinho arrebitado e admirando todos os personagens mas, não tendo o prazer de conhece-los venho por meio desta pedir-lhe a fineza de convida-los em meu nome para virem lanchar comigo no dia do meu aniversario natalicio que será no dia 22 de Novembro. O lanche terá inicio ás cinco horas.”²³

Ou então fazem pedidos inusitados como na carta do menino João Eduardo, de oito anos: “O que mais me impressionou foi o que o senhor escreveu sobre o pó mágico de pirlimpimpim. Pedia para em mandar um pouco desse pó.”²⁴

Algumas das cartas enviadas para Lobato e Laura foram escritas no ambiente escolar. Por elas percebemos que tanto as obras de um quanto de outro foram lidas pelos professores em sala de aula, e muitas vezes a iniciativa de escrever para o autor parte deles. Como a obra de Laura descrevia o passado não muito longínquo dos norte-americanos é de se imaginar que seus livros fossem muito usados no contexto escolar. As cartas se referem a isso:

“Our teacher has been reading to us the eight books that you wrote, beginning with ‘Little House in the Big Woods’. All of us like these books very much. We like them because it makes us forget that we are sixth graders in Longfellow School and makes us feels as if we were pioneers on the prairie. Some of us who didn’t like History before now like it a great deal.”²⁵

p. 60.

22 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 63.

23 Carta de Cecília de Barros Correia. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P2 doc. 1.

24 Carta de João Eduardo Berquó. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 2. doc. 13.

25 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 74.

Ou ainda: “The way you lived when you were a little girl is very much like the way our grandparents lived around here. So your story helps us to understand life around Plainfield many years ago.”²⁶

Vemos também essa prática de leitura feita pela professora em sala de aula no depoimento de Donna, aqui a menina de início não tem muita vontade de ficar escutando a professora, mas isso se transforma:

“Our teacher reads us a chapter everyday and we can’t wait til tomorrow to find out what happens. (...) I didn’t want to stay in and read because I wanted to stay outside and play with my friends, but when our teacher started reading the book I couldn’t believe that six people could have so much excitement.”²⁷

As cartas escritas pelos leitores de Lobato no ambiente escolar também elogiam suas obras e comentam o fato das professoras estarem lendo seus livros em sala de aula. Contudo notamos uma grande diferença entre essa correspondência e a enviada a Laura: os pedidos para doação de livros. Cerca de quinze cartas endereçadas a Lobato pelas crianças pedem doações de livros para as bibliotecas das escolas. Outras trinta e três cartas são escritas por clubes de leitura formados pelas classes principalmente das 3^a, 4^a e 5^a séries do Grupo Escolar, na sua maioria provenientes do estado de Minas Gerais, algumas o convidam para ser patrono, e quase todas pedem doações de livros e o envio de uma foto autografada. Pedidos esses que Lobato atende prontamente, enviando livros, fotos e solicitando que os leitores escrevam a ele comentando as obras recebidas.

Em nenhuma das cartas publicadas enviadas para Laura vemos o pedido de doação de livros. Talvez isso possa ser explicado por uma diferença cultural muito grande ao compararmos o desenvolvimento das bibliotecas públicas nos Estados Unidos da América do Norte e no Brasil. Em terras norte-americanas as bibliotecas públicas começaram a ser

26 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 104

27 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 99.

difundidas na segunda metade do século XIX, não sendo exclusivamente construídas pelo Estado. Na década final do século XIX e nas iniciais do século XX Andrew Carnegie doou cerca de 60 milhões de dólares para a construção de 1.689 bibliotecas em vários estados norte-americanos. Essas bibliotecas eram construídas com verba de Carnegie, mas as municipalidades se comprometiam a manter o prédio e o acervo, se caracterizavam por ter o acervo aberto que estimulava a curiosidade e a busca dos livros. Em 1919, havia cerca de 3.500 bibliotecas públicas nos Estados Unidos e quase a metade destas havia sido construída por Carnegie. Assim as crianças norte-americanas contavam com uma rede de bibliotecas públicas além das bibliotecas escolares, mesmo durante os difíceis anos da década de 30. Essa diferença cultural pode ser notada na correspondência, algumas crianças comentam ter se informado sobre a autora com o bibliotecário da seção infantil da biblioteca municipal: “Our children’s Librarian at Winfield, Kansas, told us you lived in Mansfield, Mo.”²⁸ E em outra carta: “Our childrens librarian told us that you were having a birthday this month so I am writing to wish you a very happy birthday.”²⁹ Como vemos as crianças norte-americanas não só frequentavam bibliotecas, como as bibliotecas tinham um bibliotecário específico para o acervo infantil.

O que existia no Brasil no mesmo período era um quadro muito diferente, durante as décadas de 30 e 40 existiam poucas bibliotecas públicas e somente nas grandes cidades e nelas o acervo que poderia interessar ao público infantil era diminuto. A primeira biblioteca pública exclusiva para crianças foi criada em 1936, na cidade de São Paulo, durante a gestão de Mário de Andrade a frente do Departamento de Cultura, e ficou sob a direção de Lenyra Fraccarolli. Todo o projeto da construção de uma rede de bibliotecas públicas para a cidade de São Paulo foi idealizado por Rubens Borba de Moraes, que havia também fundando o curso de Biblioteconomia no mesmo Departamento, utilizando o modelo norte-americano.³⁰ Não existindo a possibilidade de consulta e empréstimo em bibliotecas municipais o público

28 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 73.

29 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 21.

30 RAFFAINI, Patricia Tavares. Esculpindo a Cultura na forma Brasil. O Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Ed. Humanitas, 2001.

infantil deveria recorrer as bibliotecas escolares existentes, no entanto estas deveriam ter em sua maioria um acervo precário, como podemos notar por uma das cartas enviadas a Lobato em 1935, a do menino Mário Granato, residente em São Paulo:

“Neste Grupo Escolar ‘Marechal Deodoro’, existe uma biblioteca infantil, para uso dos alunos; mas, na última revolução, tendo sido o prédio ocupado pelos soldados, a nossa biblioteca quase desapareceu. Em nome, pois, do meu Grupo venho pedir ao Sr., o favor de nos dar uns livros seus, cuja leitura é por nós muito apreciada.”³¹

Mas, apesar da circulação de livros ficar prejudicada em nosso país pela inexistência de uma ampla rede de bibliotecas públicas, os leitores procuravam outras formas para poderem ler seus livros preferidos. As cartas de leitores enviadas para Lobato nos mostram uma prática cultural que possibilitava a circulação de sua obra: o empréstimo de livros entre amigos. Como na carta de Nice Viegas:

“Estando a conversar com um seu admirador, e sabendo ele que eu possuo toda a coleção adorada pelas crianças, pediu-me um dos livros emprestado; ao perguntar-lhe qual preferia, ele me respondeu:- Qualquer um, basta ser escrito por Monteiro Lobato”.³²

É interessante notar que essa prática de empréstimo também está presente nas cartas enviadas para Laura, revelando assim que mesmo em um país com muitas bibliotecas públicas essa era ainda uma das formas de circulação de livros:

“I am a girl of nine. I am writing you about your lovely books. I love them very much and was very happy when the new one was published. As soon as I have gotten one of your books I read it trough as slowly as I can such as one chapter every day but never can do that little because I enjoyed them very much. As soon as I have finished the book I always let Nancy, a friend of mine borrow it.”³³

31 Carta de Mario Granato. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx1 P1 doc. 24.

32 Carta de Nice Viegas. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx1 P2 doc. 25.

33 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 14.

O trecho acima também nos mostra uma das formas de leitura presentes nas cartas. A leitora, Blakeley, relata tentar ler o mais de devagar possível para que a leitura dure mais. Outra forma bastante presente é a releitura da mesma obra muitas vezes. Como nos conta Jane, uma menina de 14 anos, de Washington: “I feel like I know you well, because I have all your books, and have read them all many, many times.”³⁴ Ou ainda David, de Ohio: “My teacher has been reading your books to our Fourth Grade at De Veaux Scholl in Toledo Ohio. I have enjoyed them so much that I wish to own the set, so that I may read them over many times”³⁵

A releitura de livros prediletos também aparece no cotidiano dos leitores de Lobato. Aqui também o que motiva essa leitura intensiva não é a falta de livros, mas sim o quanto as crianças gostam e se divertem ao ler o mesmo livro, muitas e muitas vezes. A carta do jovem Gilson relembra como em criança relia inúmeras vezes o mesmo livro, mas sempre como se fosse a primeira vez: “Reli inúmeras vezes todos os livros. E cada vez (não sei como conseguia fazer isso) abstinha-me de toda a idéia preconcebida e entrava no volume com a mesma delicia da prelibação duma história de Monteiro Lobato – Tal qual da primeira vez”³⁶ Já a leitora Therezinha nos conta: “Andei relendo alguns dos seus livros e ainda gostei mais deles. É sempre assim – quanto mais se lê uma qualquer obra mais coisas interessantes lá se acha. ‘Reinações de Narizinho’ eu li umas cinco ou seis vezes”³⁷

Muitos leitores de Lobato afirmam ter lido suas obras enquanto estavam doentes. Parece que impossibilitados de saírem da cama os livros se tornavam bons companheiros. As vezes são os pais que lêem para as crianças: “Eu estava de cachumba e mamãe leu para mim todas as ‘Reinações’. Gostei muito”³⁸ Ou: “Também gosto de Reinações de Narizinho

34 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 14.

35 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 12.

36 Carta de Gilson Maurity Santos. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 4. P 1 doc. 53.

37 Carta de Therezinha Dantas. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 4 P 1 doc 9.

38 Carta de Maria Victoria. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 2 doc. 27.

quando li da primeira vez eu estava no hospital pois havia feito operação de apendicite.”³⁹ Da mesma forma vemos esse relato se repetir nas cartas enviadas para Laura, como na de Anita de 10 anos de idade: “The first book I heard about was read to me by my mother when I was ill in bed last winter. (...) While I was ill in bed I got a beautiful doll wich I named Laura after you”⁴⁰ Assim, também as crianças hospitalizadas entravam em contato com os livros de Laura, como vemos na carta enviada por Dorothy, de nove anos internada no Children’s Hospital de Farmington, Michigan:

“I have heard your stories and I have enjoyed them. I like the ‘Happy Golden Years’ best. I have heard three stories of Almanzo. The teacher is reading the ‘Farmer Boy’. We have school out here. Some children come to school on carts, some in wheelchairs, and some with crutches, and some walk. We have school like other boys and girls.”⁴¹

Muitos leitores de Laura Ingalls comentam trazer os livros da escola para lerem em casa, e vários deles informam estar poupando dinheiro para comprar um conjunto de suas obras, como vemos no relato de Sue, uma jovem de quinze anos que já pensa no uso futuro de seus livros:

“It is absolutely impossible to tell you how I have enjoyed the books that you wrote about the life of you and your dear family. You might be interesting in knowing that I am saving 50 ¢ out of my allowance each week for buying the entire series of Laura Ingalls Wilder Books. I want them to give my children and grandchildren as much enjoyment as they have given me.”⁴²

39 Carta de Nina Rosa. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 1 doc. 20.

40 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 62.

41 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 75.

42 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 132.

Ou então comprem os livros com o dinheiro que ganharam trabalhando, como Paul, um menino que mora em uma fazenda no Wisconsin: “I like them so well that I brought a series for myself. I earned the Money picking beans on hot August days”.⁴³

Pela leitura da correspondência temos também alguns indícios de práticas culturais comuns aos dois países como a leitura coletiva, feita pelos familiares em voz alta. Esse modo de leitura pressupõe como veremos no relato das cartas um espaço de sociabilidade: todos da família reunidos no quarto ou na sala. No caso norte-americano as leituras se dão em um período específico do ano: as longas noites de inverno. As cartas também revelam nos dois contextos um ambiente de afetividade, o prazer da leitura era também o prazer de se estar junto, de compartilhar a história. A jovem Dirce relembra esses momentos quando ainda não era alfabetizada e sua mãe lia para ela: “Desde pequenininha, quando nem ao menos soletrar sabia, já consistia para mim um prazer, quando a noite embevecida, ao lado de mamãe que lia em voz alta, as histórias do célebre Monteiro Lobato. Eu me deleitava com essas histórias(...)”⁴⁴

Assim também relata a leitora Jane:

“Each Christmas, when you have a new book out, my mother and Dad give me the book(...) Ever since we have gotten the books, Dad has read them out loud to us, winter evenings, because then the hole family can enjoy it, together.(...) My brother, sister and I have always love reading. Before we could read, mother and dad read to us every evening, so we could hardly wait to go to school, so we could read the books to ourselves(...) Thank you for all the family pleasure you have brought to us.”⁴⁵

Ao trabalhar com as cartas enviadas pelas crianças temos a possibilidade de vislumbrar em um mesmo documento inúmeras pistas sobre as formas de leitura e também

43 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 129.

44 Carta de Dirce Miranda. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 4 P 2 doc 28.

45 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 20.

sobre como os livros circulavam. No trecho acima, assim como em várias outras cartas, a leitora nos revela que os livros eram dados como presente de Natal, muitas crianças comentam não poder esperar até o Natal para o lançamento de mais um novo volume de histórias, e perguntam se os autores iriam lançar algum a tempo para o próximo final de ano. Esse também parece se um traço comum a ambos os países: a prática editorial de lançar um livro novo por ocasião das festas de final de ano. Alguns leitores os recebem como presentes de Papai Noel, como Antonieta: “Agora no Natal papae noel escreveu-me dizendo que ia trazer o livro Historia do mundo para crianças, mas eu achei no meu sapato outro livro. Elle não achou, eu quasi chorei. Mas no dia de Reis mamãe disse que compra para mim.”⁴⁶ Ou na carta de Amarílis que em resposta a Lobato diz: “O senhor na carta manda perguntar-me se eu queria que o senhor escrevesse uma nova história. Quero sim senhor. E quero também que o senhor mande o nome do livro para eu comprar para o Natal.”⁴⁷

Da mesma forma os leitores de Laura Ingalls também ficavam esperando por um novo livro por ocasião das festas de final de ano, como Anne: “My mother has read them all to me because I am Just seven years old. I would like it if you would write some more books. We want to hear about Almanzo and the sleight ride and your marrying Almanzo and other things. Please write one in time for next Christmas.”⁴⁸ Mary, de treze anos de idade, diz ter toda a coleção e não saber o que fazer se não tiver um livro novo seu no Natal: “I am the proud owner of all the ‘Laura and Marys’, as my sisters and I call them, but we all agree that there should be at least one more book to ‘marry her off’. You see, I usually get one of the set each Christmas, and I don’ t know what I should do if this Christmas came by without one”⁴⁹

46 Carta de Antonietta R. Silveira. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc. 3.

47 Carta de Amarílis Rocha de Cunto. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 1 doc 14.

48 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 19.

49 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 44.

A leitora Susan do quarto ano escreve dizendo já ter lido em sala de aula os livros: *Little House in the Big Woods*, *Little House on the Prairie* e *On the Banks of the Plum Creek* no entanto: “The only thing that I want for Christmas is the four books named, *Little House in the Big Woods*, *Little House on the Prairie*, and *On the Banks of the Plum Creek* and your picture.”⁵⁰ Alguns leitores escrevem relatando como foi receberem de presente seus livros, Rebecca começa a ler assim que ganha o livro e no dia seguinte já havia terminado:

“This Christmas I received your new book ‘*Little Town on the Prairie*’. I finished the day after Christmas, and have just finished it a 2nd time. It is very good. I have just finished telling my mother how the proposed paper shortage may cut out the publication of your books, and how we ought to get the rest of the books you have written. She looked as if the idea was good, and maybe...”⁵¹

Como vemos na carta acima, de 1942, a leitora comenta uma das consequências da segunda guerra em solo americano para convencer a mãe de que deveriam comprar os outros livros de Laura antes que racionamento de papel impossibilitasse novas edições. A guerra também aparece em outros documentos, como na carta de Dóris: “I have both brothers and sisters. Two of my brother’s are in the army now.”⁵² Os leitores de Lobato escrevem também sobre a segunda grande guerra, mas quase sempre se referem a ela ao comentarem a obra “*A Chave do Tamanho*”, onde o escritor coloca Emília diminuindo toda a humanidade com o objetivo de por um fim ao conflito armado. Um dos desenhos recebidos por Lobato de um leitor, e que está preservado na coleção do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/USP, versa também sobre o tema: mostra Hitler na cama tentando ‘derrubar’ pequenos aviões ingleses com um inseticida.

Os dois autores receberam de seus leitores inúmeros desenhos que estão preservados em seus respectivos acervos, em sua maioria eles retratavam cenas de seus livros, os

50 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 13.

51 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 17.

52 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 38.

personagens e os próprios escritores. Também encontramos junto às cartas muitas fotos dos leitores que acompanhavam um pedido freqüente: uma foto autografada de seu escritor favorito, pedido esse sempre atendido. Lobato chegou a encomendar dezenas de cópias de uma fotografia sua com o objetivo de enviá-las aos leitores. Laura também enviava fotos autografadas a seus leitores que escreviam agradecendo o presente.

Mas talvez um dos aspectos mais interessantes abordados na correspondência são os comentários a cerca das obras lidas. Aqui vemos como as diferenças na produção de Lobato e de Laura se refletem nas cartas enviadas pelos leitores. Assim os leitores de Laura comentam gostar ainda mais de suas obras por elas serem verídicas: “Your book ‘The Long Winter’ is one of the most interesting books I have ever read. I like an exciting book, and since those things have really happened it doubles the pleasure.”⁵³ Os leitores comentam não se interessarem pelo livro somente por ser uma autobiografia e ressaltam que a forma de narração torna o livro ainda mais real: “I have read all yours books and I like them very much. I took them home from school and my mother, Daddy and Brother read them. We like them so much that we all read them every winter. Daddy says we can live them all over again they are so real.”⁵⁴ Ou ainda: “I like it because it sounded as though it were real and Mary and Laura were right beside you.”⁵⁵ Já os leitores de Lobato dizem gostar de suas obras pela fantasia e imaginação que encontram, e muitos escrevem surpresos com sua criatividade, como Manuel Marques, que escreve de Moçambique: “É pouco possível compreender como V. Exa. tem tanta imaginação para alguns livros como o ‘Sacy’ as ‘Caçadas de Pedrinho, Viagem ao Céu, ‘As renações de Narisinho’, o Pó de Pirlimpimpim e muitos outros livros.”⁵⁶ Ou como escreve Leda de doze anos: “Como é que na sua cabeça cabe tanta coisa boa e engraçada?”⁵⁷

53 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 81.

54 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 106

55 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 64

56 Carta de Manuel Pedro O. Marques. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc. 4.

57 Carta de Leda A. R. Maciel. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc. 45.

Poderíamos imaginar que essa preferência dos leitores de Lobato, pela fantasia excluísse as obras que continham um conteúdo escolar como “Emília no País da Gramática”, “Aritmética da Emília”, “Geografia de Dona Benta” e “História do Mundo para Crianças”. No entanto, as cartas mostram que também essas obras eram queridas do público, em certa medida porque explicavam de maneira fácil e descontraída conteúdos escolares por vezes maçantes. Como explicita Wanda: “Já li 5 livros seus e gosto mais de lê-los porque sempre aprendo alguma coisa. O Sr. tem um modo simples de dizer as coisas difíceis que elas se tornam logo fáceis. Acho tanta graça da Emília que quando estou lendo dou boas risadas.”⁵⁸ Em algumas cartas os leitores comparam os livros didáticos de Lobato aos usados em sala de aula, como Fernando: “Tenho pelo senhor grande estima, porque suas histórias, bonitas e instrutivas, muito tem influenciado nos meus estudos. Fique o senhor sabendo que talvez eu tenha aprendido mais nos seus livros do que naqueles que usam no colégio.”⁵⁹

Ao escrever sua obra *Laura Ingalls* se baseou em fatos reais vivenciados por sua família durante sua jornada pelos vários estados norte-americanos por onde passaram. Essa característica, como já foi dito, fez com que sua obra fosse muito utilizada no contexto escolar, pois transmitia as crianças valores e crenças, assim como também descrevia de forma muito real as vivências de uma família no contexto da ocupação do oeste americano. Como a obra de Laura relata os diversos infortúnios que a família teve que enfrentar como: nuvens de gafanhotos, incêndios nas plantações, invernos rigorosos que duraram muito mais do que o esperado, as crianças eram levadas a refletir sobre como era árdua a tarefa de sobreviver naqueles tempos. Estes e outros dramas pessoais, como a cegueira que acometeu a irmã mais velha de Laura, são muito comentados pelas cartas. Como o oitavo e último livro da série publicado em vida pela autora, “*These Happy Golden Years*” termina com o relato do casamento de Laura, grande parte das cartas de seus leitores trazem inúmeras perguntas sobre o que aconteceu depois. Doreen por exemplo escreve:

58 Carta de Wanda Cortez. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 3 doc. 26.

59 Carta de Fernando César Mergulhão. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 2 doc. 33.

“If it is not asking too much I wish you would write to me and tell me what Mary did when she came home from school and about Carrie and Grace. Did Pa e Ma stay on the claim or did they move west? Most of all I want to know all about you, Laura. Did you stay in the house Almanzo built for you? And did you have any children, and all about your married life. We are very much interested.”⁶⁰

Muitas vezes as cartas são quase que exclusivamente uma lista de perguntas como a escrita por duas meninas Marlene e Juanita:

“We have been anxious to know about some of the things in the story you didn’t mention. If you have time would you answer some of our questions, please? How old were you when you first started writing your books? Did your father and mother live on the claim five years? How long were they on it after that? How long did you and Almanzo live in your little house in the woods? How many of yours sisters got married? Did you or your sisters have any children? How long did you keep those pretty horses, Prince and Lady? Did you ever teach school after you were married?(...) Did you travel any farther west after you were married?”⁶¹

A essas perguntas Laura respondia prontamente, como podemos verificar pelas notas feitas no verso do envelope desta carta, onde a autora escreveu algumas frases para ajudá-la a compor a carta resposta.

As cartas endereçadas a Lobato pouquíssimas vezes perguntam sobre sua vida pessoal, ou sobre sua família, somente em alguns momentos como por ocasião de sua prisão, ou de sua possível candidatura como deputado é que vemos alguns comentários nesse sentido. Na maior parte da correspondência o que encontramos são perguntas e sugestões sobre o Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens. Alguns leitores chegam mesmo a apontar algumas incongruências na obra como o menino Márcio: “No livro A Chave do Tamanho o sr. diz que o burro Falante nasceu na fazenda do Coronel Teudorico mas em outro livro o sr. diz que o Burro veio do pais das Fabulas. Como me explica o fenômeno?”⁶²

60 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 107.

61 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 131.

62 Carta de Márcio Moreira Nascimento. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva.

Outros leitores dão idéias para novos livros, como Sarah, que aproveita também para criticar Viriato Correa:

“Estou estudando a Historia do Brasil e como acho muito cacete, peço por favor que o senhor escreva, um livro, sobre este assunto. Acho que o senhor não quer escrever porque Viriato Corrêa plagiou dos seus contos, escrevendo logo a Historia do Brasil. Mas por mim pode escrever porque certamente já o tinha imaginado e mesmo eu não gosto dos livros que Viriato Corrêa faz. Prefiro os seus.”⁶³

Vários leitores fazem como Eduardo que aproveita para comentar sobre os personagens e dar uma idéia para uma nova obra:

“O livro que eu mais gostei foi Reinações de narizinho. E sobre a minha opinião desejo que o Sr. continue com todos seus personagens, mas não aperfeiçoe mais a Emilia porque a bonequinha já chegou ao maximo. Não faça que esse Visconde morra e apareça um outro (como já fez em muitos). A ideia que eu lhe dou, é de escrever um livro fazendo a turma ir a “pré-historia” onde eles possam encontrar Dinossauros e outros animais de grande porte, e quero que o Sr. faça como diz no livro Espanto das Gentes as crianças fazerem um passeio pelo corpo-humano, e sugiro para esse passeio a barriga do coronel Teodorico por ser bem grande.”⁶⁴

Em muitas de suas obras infantis Lobato comenta outros livros levando assim os leitores a outras leituras. Em algumas cartas vemos que as crianças aceitavam esse convite e quando não encontravam a obra desejada, escreviam ao autor solicitando a tradução do livro sugerido, como Jeanette:

“Estou lendo “Historia do Mundo para as Crianças”. Esse livro está me interessando muito, mas o capitulo que mais gostei foi “Marco Pólo”, justamente quando “Emilia” disse que is pedir ao senhor

Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 2 doc. 47.

63 Carta de Sarah Viegas da Motta Lima. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 2 doc 23.

64 Carta de Eduardo da Silveira Teixeira Leite. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 2 doc. 4.

para traduzir o livro “Viagens de Marco Pólo”. Por isso escrevo-lhe renovando o pedido da “Emília”, isto é, que o sr. traduza o livro em que Marco Pólo conta as suas viagens.”⁶⁵

Outros conhecendo a atuação de Lobato como tradutor sugerem a ele obras interessantes a serem traduzidas, como David: “Eu sou um leitorsinho dos seus livros. Gostei imensamente deles; mas quero fazer-lhe um pedido: O senhor poderá traduzir ‘Swiss family Robinson’ e ‘Just David’? “Just David” é um livro muito bom de Eleanor... Potter.”⁶⁶

Mas na maior parte das cartas existe um pedido recorrente: o desejo de participar de uma das aventuras com a turma do Sítio. Talvez esse desejo fosse motivado pela própria obra de Lobato, já que na obra “Circo de Escavatinhos” de 1929, e em “Caçadas de Pedrinho” de 1933 várias crianças visitam o Sítio. Em uma das cartas vemos referência a isso, quando Cléo, filha de Octalles Marcondes Ferreira aparece em “Caçadas de Pedrinho”:

“Não o importunarei com mais uma cacetada? Eis o caso: tanto tenho vivido entre os seus personagens que desejaria ‘viver’ num próximo livro onde a turma de D. Benta aparecesse. Assim uma cousa como aconteceu á Cleo. Ora, caso minha ideia pegue, e seria essa minha maior alegria, talvez lhe interessasse saber alguma cousa a meu respeito para poder transplantar-me para o sitio dos peraltas Tenho doze annos de idade, gosto muitíssimo de música, sou aluna do Conservatório Dramático e Musical, aonde frequento o oitavo anno.”⁶⁷

Às vezes os pedidos são categóricos como o de Bú:

“Veja se você pode me encaxar nos livros das 12 aventuras de Hercules. Tia Zézé me disse que você vai me por num livro, mas eu quero que você me ponha em todos. Não é só nos livros das 12 aventuras que eu quero entrar, mas em todos com a Emília, Marquesa de Rabicó. Como também estou disposto a ir em todas as aventuras do bando para sempre.”⁶⁸

65 Carta de Jeanette Saraiva de Toledo. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 2 doc. 30.

66 Carta de David Appleby. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc. 32.

67 Carta de Marila Gravenstein Borges. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 1 doc 2.

68 Carta de Bú. . Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros.

Mas o exemplo maior de como o contato de Lobato com seus leitores transformava sua escrita é a participação de uma leitora: Maria de Lourdes ou Rãzinha na obra “A Reforma da Natureza”. Nessa obra, Emília quando consegue ficar sozinha no Sítio escreve para a menina solicitando sua ajuda para reformar a natureza, a leitora atende ao pedido e as duas fazem as enormes transformações relatadas no livro. No acervo do Instituto de Estudos Brasileiros, temos conservadas somente três cartas dessa leitora, no entanto parece que o número de cartas trocadas entre ela e Lobato pode ter sido bem maior. Nessas cartas temos uma interessante revelação: as alterações na natureza que a menina faz como personagem na obra “Reforma da Natureza” foram de fato sugeridas por ela nas cartas a Lobato, como as conhecidas torneiras da vaca Mocha.

Essa intensa participação dos leitores comentando a obra, dando idéias para livros futuros pode ter sido em parte resultado de pedidos feitos pelo próprio Lobato aos seus leitores, por meio de sua correspondência. Em uma das cartas enviadas por Lobato para seu leitor podemos perceber claramente essa intenção:

“Faço questão de receber outras cartas do amigo íntimo, dando-me idéias para os meus livros, mas cartas inteirinhas escritas por ele, sem que papai ou mamãe metam o bedelho ou consertem as idéias do amigo. Os amigos íntimos dizem tudo o que pensam e não pedem opinião a ninguém.”⁶⁹

As cartas enviadas pelas crianças leitoras aos escritores mostram que em parte suas diferenças são resultantes de peculiaridades encontradas nas respectivas obras. Por outro lado são muitas as semelhanças relatadas no que diz respeito às formas de leitura, ao prazer resultante dessa atividade. Ambos, Laura e Lobato, tinham um projeto muito claro ao escrever suas obras. Sobre isso Laura escreveu: “I wanted children now to understand what is behind the things they see, what it is that made America the way they know it.”⁷⁰ Assim Laura queria que as crianças tivessem por meio de suas histórias, acesso a como era a vida

IEB/ USP. Cx 2 P 1 doc. 34.

69 MONTEIRO LOBATO. Cartas Escolhidas. 10 tomo. São Paulo: Brasiliense, 1964. p. 273.

70 DEAR LAURA: Letters from children to Laura Ingalls Wilder. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. V.

cotidiana norte-americana no final do século XIX, que pudessem compreender que o modo de vida das décadas de 30, 40 e 50 era muito diferente do vivenciado por ela em sua infância. Contudo queria que tivessem acesso a essa perspectiva histórica de forma prazerosa e alegre, por meio de relatos emocionantes sem muitas lições de moral.

Já Lobato pretendia construir por meio de sua obra um país de leitores, como tantas vezes teve a oportunidade de expressar, acreditava que o país só se desenvolveria plenamente quando tivéssemos uma população crítica e ativa, que em sua percepção seria resultado de uma educação plena. Mas para transformar o país em um país de leitores era necessário criar uma obra infantil que estimulasse a leitura, e seria pelo prazer que ele pretendia transformar as crianças em leitores. Em 1926 Lobato escreve para Rangel: “Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoiei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar.”⁷¹

Ao analisarmos as duas correspondências percebemos que tanto os leitores de Laura quanto os de Lobato comentam que ao lerem se sentem transportados para um outro local, para uma outra época, como nos conta Jaquelyn: “I like the stories Pa tells in the evening by the fireplace. It makes me feel like I was right there with them.”⁷² Ou: “All of us like the books very much. We like them because it makes us forget that we are sixth grades in Longfellow School and makes us feel as if we were pionners in the prairie”⁷³ Os leitores de Lobato também comentam se transportar para o livro ou então desejarem ficar para sempre por lá, como Cordélia: “(...) Acho que não há nada como o Sítio... Ele é a melhor cousa que já se imaginou no mundo. Acho que não existe nenhuma criança que não gostaria de morar lá. É mesmo o ‘suco dos sucos’ como dizem os ‘picapaus’”⁷⁴ Ou então como Myralda que

71 MONTEIRO LOBATO. *A Barca de Gleyre. Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 293.

72 DEAR LAURA: *Letters from children to Laura Ingalls Wilder*. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 64.

73 DEAR LAURA: *Letters from children to Laura Ingalls Wilder*. New York: HarperCollins Publishers, 1996. p. 74.

74 Carta de Cordélia Fontainha Seta. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto

gostaria de viver com a boneca falante: “Ah! Se eu pudesse morava com a Emília! Queria rir o dia inteirinho!”⁷⁵ Existem até mesmo leitores que não se contentam em morar no sítio mas que gostariam de se transformar em personagens, como Flávio que lamenta: “Que pena que a gente nasce gente e não Saci.”⁷⁶

Nas cartas aqui analisadas as crianças se mostram como seres sociais completos, exercem o papel de correspondente, pois já sabem utilizar a linguagem escrita e os modelos epistolográficos, mas ao mesmo tempo se permitem algumas “liberdades”, pois se desculpam pela letra, os borrões ou a escrita a lápis. Ao utilizarem formas pessoais de tratamento, não estão sendo ingênuas, mas sim utilizando um recurso para se tornarem próximas daqueles que admiram. A documentação também nos revela que as práticas de leitura eram similares nos dois países, muitas crianças relatam ler de forma intensiva, não por não terem acesso a outros livros, mas pelo prazer de reler uma obra querida. Assim também a prática de leitura coletiva, em família, é relatada pelas crianças daqui e de lá. Durante o período aqui analisado o acesso aos livros era difícil para a grande maioria das crianças brasileiras leitoras, em virtude principalmente do alto custo dos livros infantis e da inexistência de bibliotecas públicas com acervos voltados a infância. Apesar disso, as cartas nos mostram que ao ter acesso aos livros as crianças brasileiras realizavam a leitura de maneira análoga ao público norte-americano, que contava com uma rede de bibliotecas consolidada. A leitura para os leitores de ambos os países que se corresponderam com seus escritores favoritos era fonte de prazer, de divertimento e de deleite. Pelo que as cartas nos revelam tanto Lobato quanto Laura parecem ter alcançado o que pretendiam com sua produção literária.

de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 3 doc. 2.

75 Carta de Myralda Coragem. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 2 P 2 doc. 11.

76 Carta de Flávio Lange Morretes. Coleção Monteiro Lobato. Arquivo Raul de Andrada e Silva. Instituto de Estudos Brasileiros. IEB/ USP. Cx 1 P 2 doc. 31.

